

Lugar e tempo daquele que escuta para o Outro que fala

Existem dois significantes que se mantem presentes nas elaborações e comentários que compartilhamos. Em nossas comunidades de trabalho com a Psicanálise, o primeiro significante enlaça uma série que inaugura a ligação entre o psicanalista e sua análise. Desde a tradição freudiana esse significante é nomeado pelo esvaziamento, esvaziar o ego do analista, a ponto de visar, como Freud assinalou, a morte do ego. Na medida em que reconhecemos o caráter de fundação do significante esvaziar, podemos entendê-lo como aquele que liga morte do ego com análise, como análise do próprio psicanalista. O significante esvaziar que vem de Freud, inclui a ligação com a análise do próprio psicanalista, porque é através dela que o ego se esvazia. Dar privilégio ao significante esvaziar implica em reconhecer que pelo esvaziamento do ego numa análise, o sujeito se qualifica para ser analista. Se é verdade que o significante esvaziar chega até a nós, hoje, estabelecendo princípios éticos para a qualificação do psicanalista, é verdade também que apostar na morte do ego, é apostar numa dupla limitação. Sendo a primeira aquela que anuncia a morte do ego, como condição para ser psicanalista. Em nosso caso, se trata de desejo do psicanalista, e não de morte do ego do analista. A morte do ego como condição para ocupar o lugar do psicanalista, reduz o problema do ego a uma condição de retirá-lo de cena. Não se trata de retirada de cena, mas sim, de incluir três, articulando o ego pelo imaginário, numa ligação com o simbólico e o real. Ou seja, o ego não é retirado de cena, ele passa a se apresentar numa ligação a três. E é a partir dos efeitos que se produzem nesses enodamentos, que encontramos o avanço possível de não sustentar mais morte do ego, mas sim, decantação dele, pela relação que mantem com os outros dois registros. Isso não significa que Freud estivesse errado, mas sim de que é possível retomá-lo e fazê-lo avançar.

Quanto ao segundo significante que participa de nossas comunidades de trabalho, ele se apresenta a nós como redução, reduzindo os textos de Freud a sua estrutura, como forma de melhor dizer deles. Esse significante que vem de Lacan não é sinônimo de falar através de fórmulas, tampouco de promover consentimento por identificação aos significantes da doutrina. Reduzir tem a ver com bem dizer, ou seja, repetição depois de diferentes voltas e ligações para, aí sim, falar de uma forma que conecta a redução com a autorização na ligação com alguns outros, pelos detalhes.

Da mesma forma que não se avança na ligação com o significante freudiano, esvaziar, não se avança também no significante reduzir, caso não haja implicação num trabalho. Seja o trabalho de elaboração para esvaziar o ego, pela análise, seja o trabalho para realizar a redução de si mesmo, pela escrita e pela leitura. O que se repete nisso é um trabalho. Questão que não deveria ser banalizada, como se todos nós soubéssemos o que significa o trabalho com a Psicanálise. Não são somente um conjunto de horas dedicadas ao trabalho com a Psicanálise, em nossos consultórios, com nossas análises e nos laços associativos... Um dos problemas que se mantém atual em nossas comunidades tem a ver com o sujeito se considerar muito exigido. Em outras palavras, há um Outro excessivamente exigente que me demanda sempre. Não é possível de reconhecer nesse lamento o voto de demissão do próprio desejo, que gostaria de poder ser um Outro desejanter, sem precisar se sentir cobrado? Ao não se implicar, o sujeito manterá sempre vivo um Outro excessivo que exige dele um se movimentar, lembrando-o que não tem como não se mexer se quiser alguma coisa, de fato, verdadeira com a Psicanálise.

Vivemos num momento histórico, particularmente no Brasil, no qual o conceito de trabalho foi adulterado, denegrido. Principalmente pela presença da economia neoliberal que avança reduzindo direitos e benefícios dos trabalhadores, gerando competição baseada na redução dos salários. A adulteração da noção de trabalho também penetrou o meio psicanalítico. Não se trata mais de um campo que se conta por uma posição compartilhada por princípios éticos comuns. Isso se modificou depois do avanço irrestrito e ilegal dos cursos de formação em psicanálise. Não é possível não reconhecer que houve uma degradação do conceito da prática do psicanalista, quando essa suposta profissão passou a incluir religiosos sob seu nome. Essa aberração que circula entre nós como uma hidra com várias cabeças, dos psicanalistas evangélicos, católicos e outros. O fato de não compartilharmos disso, não nos exime de considerar que se existem tantos cursos de Psicanálise à venda é porque existe um mercado que soube ler a falta de fundamentação dos religiosos, para oferecer produtos mais nobres. Se trata agora de uma mercadoria sob a forma de conhecimento diferenciado do mundo. E é exatamente porque a Psicanálise passou a ser uma mercadoria consumida pelo conhecimento, que o conceito de trabalho mudou. Agora se trata de consumir o conhecimento da Psicanálise das formas mais diversas. A questão, a meu ver, que importa destacar é que o consumo do conhecimento superficial chegou nas nossas comunidades. A

implicação com o trabalho de elaboração, de idas e voltas, se reduziu. Por isso mesmo, é fundamental a continuação do espaço das Jornadas, tal como fazemos hoje, assim como de outras que realizamos. Porque é a partir do momento que me disponho falar com outros, que o significante redução opera. Não é somente o tempo para falar que faz reduzir. É o Outro, esse que me é estranho, a quem vou me dirigir, e que me empenho para falar de forma reduzida, ou seja, bem dita. Qual a importância disso? A importância disso se encontra diretamente ligada às condições de avanço que possamos fazer com o trabalho de elaboração, de maneira a que ele introduza barreira ao conhecimento banal, limitante e cansativo, fruto da preguiça mental.

Nessa direção, vou partir da frase que dá título ao meu texto. Lugar e tempo daquele que escuta para o Outro que fala. Ela é uma mudança da frase "O que é dito depende de quem ouve", enunciada por Marcel Czermak, ao realizar uma redução da frase de Lacan, no texto O Aturdido, de 1972 "Que se diga fica esquecido por trás do que se diz em o que se ouve". O psicanalista Raphael Tyranowski, escreveu a frase de Czermak como "Quem fala depende de quem escuta". Vou procurar destacar desde agora que na frase de Lacan fica evidenciado que aquele que vai dizer, daí, que se diga, irá falar o que fica esquecido por trás do que ele mesmo está dizendo em o que se ouve. Ou seja, o que vai ser dito será portador da presença do inconsciente levando o sujeito a dizer o que ficou esquecido, e esse esquecido se ouve. Se ouve pelo Outro. Em outras palavras, o que se diz com a presença do inconsciente se faz ouvir, e assim o esquecimento pode retornar. Mas isso é verdade a partir de um lugar, que é o da prática psicanalítica, a qual só se sustenta pela transferência. Desde o trabalho na transferência a frase se torna verdadeira numa relação estreita com o tempo. Lembremos da afirmação de Lacan, "A transferência é uma relação essencialmente ligada ao tempo e seu manejo".

Quando Marcel Czermak afirma que "quem fala depende de quem escuta", há um primeiro ponto fundamental a ser destacado que é o circuito pulsional presente na transferência.

A pulsão invocante é a responsável pela fala que vai se dirigir para encontrar quem está lá para escutar o sujeito invocante. Trata-se de um circuito pulsional, que passa pela zona oral, enquanto boca que articula palavras que visam ser escutadas. E quem escuta? Há uma pulsão que se dirige na direção do que é falado? Somente se estivermos muito interessados na vida de quem fala. Acontece que Freud falou em regra da associação livre, com a atenção flutuante. Não

falou em atenção contínua, mas descontínua. Evocando a frase de M. Czermack perguntamos: Como uma escuta descontínua decide por aquele que fala de forma contínua? Para tanto, é preciso considerar que é pela escuta do que faz descontinuidade no contínuo, outro nome da presença do real pelo significante, que aquele que escuta, decide por uma nova direção. É momento em que a escuta dá voz ao que estava esquecido na fala, e que retorna pela repetição. Por isso mesmo que para Lacan, a disparidade de lugar e função que o psicanalista ocupa na transferência é o fator que vai suscitar o retorno do real do lado sujeito. Trata-se de um vetor que vai do manejo da transferência para a repetição. E não da transferência como sinônima de repetição. É preciso existir a transferência e o manejo dela pelo desejo do psicanalista para que a repetição compareça e possa ser simbolizada, promovendo, em alguns casos, uma reinvenção.

Que lugar é preciso estar na transferência para dar voz ao que estava esquecido na fala, decidindo por uma outra direção? É o lugar do sintoma do sujeito, no qual o psicanalista, aquele que escuta, participa. Para participar do sintoma que vem pela fala, é preciso falar com ele. Para falar com, sem se identificar ao sintoma, participa-se dele pelo exterior que é íntimo ao discurso, ou seja, pelo inconsciente que vem recoberto pelo sentido. Dessa maneira se esclarece o porquê da participação do psicanalista no sintoma, produz divisão de quem fala. É o que encontramos na escrita do numerador do discurso do analista. Muitas vezes tenho a impressão que os significantes que participam de nosso meio, esvaziamento e redução, são enunciados de forma que não despertam mais implicação com eles. Tudo se passa como se ao compartilhar significantes que são conhecidos nos distinguíssemos como iguais. O que perdemos de vista nisso é que deixamos de nos perguntar, por exemplo, se é verdade que sempre a fala é decidida por quem a escuta. E não é. Porque existem sujeitos que não dirigem a fala a nós. Sejam eles autistas, sejam aqueles outros que vagam como não patos do inconsciente. Mas existem outros que se dirigem a nós quando vamos, nós, buscar escutá-los. É o caso do poema "Uma nuvem me fere", (livro: por que você deixou o cavalo sozinho? Ed Tabla) do poeta palestino Mahmud Darwich:

" Fiz mal a meus irmãos quando eu disse ter visto anjos brincando com lobos no pátio da casa?"
Não existe resposta, hoje, para essa interrogação. Porque ela, ao invés de recobrir e esquecer, revela. Ela grita pela voz do poeta. Grita que no momento em que vivemos, se pode ter sido escutado como alguém que fez mal, por apostar na brincadeira entre lobos e anjos. Um longo

trabalho de esvaziamento dos ódios e redução das guerras nos aproxima de uma resposta possível ao poeta. Isso, se estivermos dispostos a reconhecer que é pela redução de nossa experiência visando o bem dizer, que podemos nos aproximar com as frases do poeta, indo nós mesmos buscar escutá-las, lá onde estão sendo escritas, nesse caso, na Palestina.

Mauro

Mendes

Dias

São Paulo 13 de agosto de 2026